

Mas isso é outra história

O GLOBO

4 JUL 1991

EVANDRO CARLOS DE ANDRADE

A espécie humana surgiu na Pré-História e, depois de passar pelo Paleolítico e o Neolítico, ocasião em que foi apresentada ao ferro e depois ao bronze, ingressou na História, através dos assírios e babilônios. Em seguida, ela se transferiu para os egípcios, daí aos hebreus, e, depois de um breve pulo nos medas e persas, foi parar nos gregos, antes de chegar a Roma, que caiu quando os turcos chegaram aonde mesmo? Daí, carolíngios e merovíngios à parte, dávamos uma passada pela misteriosa Idade Média e, com mais dois ou três saltos, chegaríamos pelo menos à Revolução Francesa, se o nosso ano letivo não terminasse sempre antes de atingirmos a última terça parte do currículo. Mas Idade Contemporânea, nem pensar.

Desta maneira estudávamos História, com muita decoreba, os da minha geração. Será diferente hoje? A mais velha das minhas netas, de 14 anos, por acaso estuda no momento numa escola excelente de Filadélfia, nos Estados Unidos. Ano passado, ela se saiu brilhantemente num dever de casa: elaborar um "jornal" sobre o dia a dia de Heliópolis, no Egito, e dissertar sobre uma hipotética família Cro-Magnon. Para ministrar suas aulas sobre o primeiro destes temas, sua professora viajara ao Cairo, a mando da escola, para beber na fonte as informações que passaria aos alunos. Parafraseando Otto Lara Resende, saber é verba. Ou: verbo é verba.

O fato é que, mais pobre ou menos, mais sofisticado ou menos, ontem como hoje, aqui como em toda parte, o ensino da História (assim como o de muitas outras disciplinas, sobretudo as ditas de Ciências Humanas) continua a ser o mesmo engodo: gerações e gerações da "idealista, generosa e sacrificada" classe dos professores

— tal como reza o autocontemplativo lugar-comum — a se empenharem em esconder dos jovens as causas do que se passa ao redor deles, enquanto lhes embutem conhecimentos de discutibilíssima utilidade. Pois este é o resultado da deficiente formação do magistério e dos programas desligados da realidade.

Com egípcios e hebreus estamos, então, a engambelar nossa gente — mesmo a minoria que consegue ultrapassar o Segundo Grau — deixando-a mergulhada na mais espessa incompreensão do que sejam as instituições em vigor, no Brasil e no Mundo, e de como se comportam os líderes da sociedade, por sinal que para grande alívio destes últimos.

Por exemplo: como poderiam nossos estudantes entender as causas da recente Guerra do Golfo — envolvendo os sarracenos e os hebreus de hoje (além, é claro, das tribos bárbaras de saxões) — sem tomarem conhecimento de como se configurou a divisão política (e religiosa) do Oriente Médio após a Segunda Guerra?

Como poderiam compreender que estejamos atolados nessa insolúvel dívida externa se não conhecem a breve carreira do glamoroso Presidente Kennedy, que deu a partida para a Guerra do Vietnam, de motivação tão equivocada que, derrotados os Estados Unidos, não aconteceu em consequência a avalanche comunista que a "teoria do dominó" anunciava? Pois a maior parte da nossa dívida corresponde ao rateio, entre povos inocentes como o nosso, das despesas ilegais de uma guerra não-declarada e, por isso, não incluída no Orçamento dos Estados Unidos — daí resultando a inflação do dólar, em razão da qual somos todos devedores do intangível sistema bancário internacional. Como entendem que, pelo contrário, o comunismo, em menos de uma década, de hediondo crime a ser implacavelmente perseguido, tenha-se conver-

tido entre nós em monumental burrice política, que desmorona não a tiros de canhão mas sob o peso de seu próprio fracasso?

E nessa mesma linha, penetrando as nossas fronteiras, de que modo entenderiam a hiperinflação que até outro dia devorava o salário dos pais e, depois de pequeno intervalo, voltou com apetite redobrado — se não lhes é contado nem explicado por que tivemos tantos generais a se sucederem no poder; que significou a série dos jotas (Jânio, Jango, Juscelino — sempre retroagindo) e o papel de Getúlio? Desse jeito, nunca chegarão a saber coisa alguma sobre a maneira como se organiza o País, quais as atribuições de um senador ou as responsabilidades de um motorista, ou ainda que diferença deve

existir entre PM de Polícia Militar e peeme de "polícia mineira". Tudo isso fica na sombra. Afinal, para que se estuda História, se não for para possibilitar o aprimoramento da comunhão humana? Será apenas para distrair-se com anedotas inverossímeis de falsos heróis?

Na verdade, nunca vi completar-se o currículo proposto de História do Brasil. Descoberta, Capitanias, Entradas e Bandeiras, Índigenas, greve contra a má qualidade dos sanduíches da cantina, Tiradentes, D. João VI, Copa do Mundo, Independência, feriados, e lá naufragávamos todos na Regência de Feijó. Jamais chegávamos à praia.

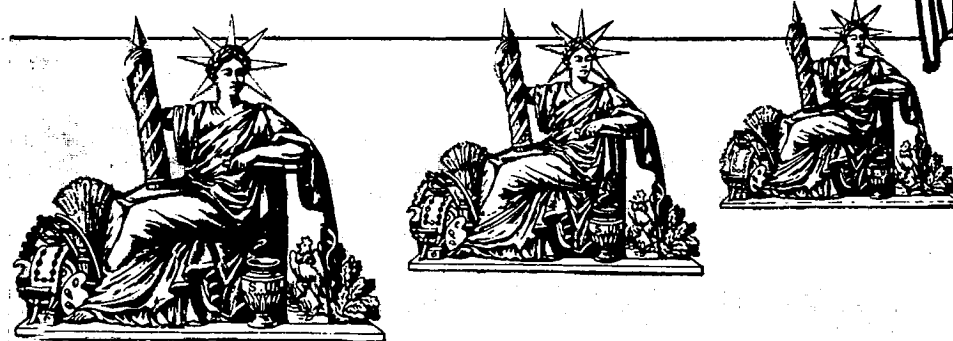
Quem — com exceção do jornalista Élio Gáspari, que nasceu por engano na Itália — conseguiu estudar o fim do Segundo Império e o início da República, ou melhor, toda a República, sobre a qual sempre pairou um véu de mistério?

Bem, não sou professor, nada entendendo de Pedagogia e sei da História o que meus ignorantes professores papaguearam que era a História, acrescido esse pobre cabedal do que pude ler, já adulto e desorganizado, sobre a incapacidade da nossa espécie de alcançar um grau razoável de harmonia.

Mas me convenci que, se desejamos formar cidadãos reciprocamente solidários, devemos, entre outros cuidados, tentar novo método: ensinar-lhes a História em marcha à ré. De hoje para ontem, de ontem para anteontem, e assim sucessivamente, de modo a juntar passado e presente como causa e consequência. E, se houvesse tempo, tudo bem que se chegasse até os problemas domésticos da família Cro-Magnon.

Nossos moços não terão oportunidade de corrigir no futuro os erros dos antepassados se não lhes for explicado por que, historicamente, funcionamos tão mal como sociedade, por que obrigações e direitos deixam de ser cumpridos e por que tanta perversão entremeia a teoria e a prática institucionais. E quem foi que permitiu e até induziu que chegassemos a esta situação? Homens e circunstâncias. Tudo isso entrosado com a contemporaneidade do planeta.

Caso progredíssemos nessa retrospectão, não seria tragédia alguma se faltasse a nossos estudantes tempo para decorar aquela profecia do puxa-saco do Pero Vaz, que só queria em sua carta agradar ao Rei para ver se conseguia um emprego público para o genro: "em se plantando tudo dá". Era mentira. Entre a Coroa Vermelha e Porto Seguro — que foi tudo que ele pôde ver do Brasil — a terra era e é tão ruim que até hoje nada se plantou ali, a não ser ho-téis.



MARCELO